

5

Considerações finais

Falar de conjugalidade contemporânea é, sem dúvida, uma tentativa. Mais que isso, uma busca por respostas a diversas perguntas: o que é o casamento, quem quer casar, por que casar, e, acima de tudo, qual modelo de conjugalidade seguir? A falta de referenciais sólidos em que se basear, ou mesmo se afastar, deixa o sujeito contemporâneo à deriva. Se o modelo tradicional de família - hierárquico e cuja autoridade paterna é incontestável - já não é mais o modelo vigente, e se, ao mesmo tempo, nenhum outro padrão se estabeleceu, pode-se dizer que estamos vivendo uma fase de plena transição de valores.

Desde o século XX, as transformações vêm acontecendo em uma velocidade incomum. Sejam elas políticas, econômicas, sociais ou culturais, são transformações que, de uma forma geral, acabam por afetar a intimidade de todos nós. As mudanças na forma como nos relacionamos no âmbito familiar têm sido também o resultado de uma necessidade de acompanhar todas essas outras mudanças. O modelo tradicional já não é mais coerente com o contexto atual. Ele está sendo substituído, sim, mas não por um modelo único, e sim por uma pluralidade de formas, as quais podemos chamar, todas, de tentativas. São famílias formadas por recasamentos, casais homossexuais com filhos, famílias monoparentais, mulheres chefes de família, entre tantas outras novas possibilidades.

O que seria a princípio um paradoxo é perceber que não é a importância dada à família que está diminuindo, e que também não há uma crescente desvalorização do casamento. Pelo contrário, diversas pesquisas apontam para um desejo ainda grande, por parte dos jovens de casarem e, dos adultos divorciados, de recasarem. A tão citada crise do casamento parece, portanto, não se tratar exatamente de uma crise, e sim de uma transformação. Mais coerente seria chamá-la de transformações do casamento. O alto número de divórcios poderia ser considerado um expressivo sinal de tal crise, se não fosse, porém, o também alto número de recasamentos.

Este fenômeno – por nós então chamado de uma procura por referenciais - que acomete o sujeito contemporâneo é tão inquietante que tem mobilizado a mídia e a cultura

de uma forma geral, através de inúmeros pesquisadores, escritores, compositores e diretores de cinema, teatro e televisão. Seria interessante traçar um panorama acerca da pluralidade de filmes, músicas, reportagens e peças de teatro que tratam dos relacionamentos amorosos contemporâneos. Nos depararíamos, sem dúvida, um número bastante significativo.

Considerando que a mídia e a sociedade funcionam como um espelho uma da outra, numa espécie de retroalimentação, o que tanta produção midiática e cultural mostra é, mais uma vez, a relevância do tema e a inquietude que ele provoca no sujeito contemporâneo. Em épocas de transição, como a que acreditamos estar vivendo, é na mídia que buscamos novos referenciais e padrões de comportamento. Entretanto, o que a mídia nos oferece em todos os seus veículos de massa é o ideal do amor romântico, certamente inalcançável pela grande maioria de nós. O que nos resta é apenas frustração e uma constante sensação de estarmos sendo sempre passados para trás.

O teatro, forma de produção escolhida como objeto de estudo desta pesquisa, possui um diferencial em relação às outras formas de mídia: pelo fato de seus atores estarem ali, frente ao público, de uma forma real e não virtual, seu “poder de espelho”, de identificação e representação, é ainda maior. Portanto, o papel social que o teatro cumpre é inegável, sobretudo quando se tratam de peças cujo público atingiu números especialmente altos, como é o caso de *Intimidade indecente* e *Batalha de arroz num ringue para dois*.

A análise das peças citadas foi realizada tendo sempre como base a pesquisa bibliográfica acerca de temas referentes à conjugalidade contemporânea. A intenção era a de confrontar os aspectos obtidos nas peças com os dados levantados; mas o que vimos foi, mais que um confronto, uma reafirmação daquilo que as pesquisas apontam, o que não deixa de reafirmar também a importância do papel social do teatro, através da sua coerência em relação às configurações sociais contemporâneas.

O texto de *Intimidade Indecente* nos revelou aspectos tanto do modelo tradicional de casamento quanto do modelo contemporâneo. Mais que isso, revelou especificamente as transformações de um modelo para o outro, que pôde ser visto através do divórcio do casal. Roberta e Mariano estavam casados há vinte anos, no modelo tradicional de casamento: com os filhos constituíam uma família nuclear e Roberta, apesar de trabalhar fora, vivia às voltas com as obrigações do lar. Até que as insatisfações do casal frente a esse modelo começaram a surgir: ela, podendo viver sua sexualidade de forma mais prazerosa, cobra

mais atenção do marido; ele, já acometido pelas indagações de uma cultura que valoriza o novo e o efêmero, revela não se sentir mais atraído por ela. E mais: expõe também sua atração, consumada, por uma menina da idade de sua filha. Eles então se separam, mas uma separação bem nos moldes dos relacionamentos contemporâneos, onde os ex-conjugues se tornam amigos, conversam e resolvem juntos os assuntos relativos aos filhos. Vários outros aspectos deste novo modelo de conjugalidade podem ser vistos, como, por exemplo, o fato dele se relacionar com uma mulher mais jovem enquanto ela é destinada à “pirâmide da solidão” e tenta se esquivar dela através de um relacionamento homossexual.

A autora não deixa de imprimir um olhar feminino sobre o assunto, já que, além das diferenças entre os gêneros serem diversas vezes expostas nas falas das personagens (homens ficam careca, mulheres engordam), o desfecho da peça é a favor da manutenção do casamento e da possibilidade de um amor perdurar por muitos anos.

Batalha de arroz num ringue para dois também aponta para uma série de aspectos encontrados no levantamento bibliográfico, mas de forma menos romântica e mais irônica. O casal em questão, Ângela e Nélio, não demonstra satisfação nem felicidade em nenhuma cena da peça. Todos os assuntos destacados podem ser vistos como desvantagens do casamento: falta de liberdade e privacidade, ocorrência de violência doméstica, dependência entre os conjugues, submissão feminina.

Não podemos deixar de lado o fato de que as diferenças percebidas em relação às duas peças se dão bastante em função dos gêneros. Sendo um drama, mesmo que com elementos cômicos, e uma comédia, as diferenças se expressam não apenas em seu conteúdo, mas também na forma de comunicá-lo. Contudo, é importante ressaltar a função primordial do teatro, conforme coloca Brecht (1978): “O teatro consiste na apresentação de imagens vivas de acontecimentos passados no mundo dos homens que são reproduzidos ou que foram, simplesmente, imaginados; o objetivo dessa apresentação é divertir” (p.100).

Ao final da peça de Mauro Rasi, no epílogo, é que parecemos encontrar a justificativa para o ainda grande número de casamentos: ele segue sendo a forma fundamental dos indivíduos se agruparem e, acima de tudo, procriarem e assim darem continuidade para a humanidade. É como se o autor estivesse em consenso com os dados levantados que demonstram que, apesar de tantos aspectos negativos em relação ao casamento - especialmente o modelo tradicional, que é o modelo mais retratado em sua

peça – ele é, e parece que sempre será, algo almejado e essencial para todos nós, tanto que estamos reinventando, constantemente, formas de o vivenciarmos.

Podemos dizer que a função social do teatro será sempre a de refletir a sociedade tal como um espelho. Parece que o número de peças em cartaz que tratam dos relacionamentos afetivos de uma forma geral tende a continuar alto. Atualmente, vemos, por exemplo, o sucesso da recém estreada peça “Divã”, que, através das descobertas de uma mulher madura, discute questões como casamento e papéis de gênero. É, mais uma vez, o teatro, através de suas personagens, acompanhando e refletindo as transformações e os questionamentos do sujeito contemporâneo.